

A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Anníbal Fernandes()*

(Súmula de intervenção no Seminário da OAB/SP, realizado em 06/12/96)

"O ilegal pode ser feito já. O inconstitucional toma mais tempo." — Henry Kissinger (dos Jornais)

Ementa:

Notas sobre a reforma da Previdência e as contra-reformas das conquistas sociais.

I — Explicação

1 — Um texto-base foi elaborado para seminário sobre as ditas reformas tributárias e de previdência. Ambas são submissas às teses do neoliberalismo, neste *fin de siècle*. Que mais acena com a barbárie do que com civilização, moral e progresso.

2 — O que efetivamente ocorreu, no dia 6/12/96, na sede da OAB/SP foi objeto de gravação. O vídeo, portanto, está à disposição dos interessados na sede daquela entidade. E não coincide com o projeto prévio. Neste apanhado há o resumo e adequação do teor da intervenção do signatário.

II — Epígrafe

3 — Já no texto-base lançou-se uma epígrafe que define os propósitos e a posição frente aos direitos dos porta-vozes das grandes potências, autênticos patronos das reformas, na verdade, contra-reformas. De ver-se que há ambigüidade nesses termos. As reformas protestantes foram antepostas às contra-reformas retrógradas. Na literatura política a reforma contrapõe-se à revolução. (Vide, por exemplo, a obra clássica de Rosa Luxemburgo, "Reforma e Revolução"; aqui o e vale por ou etc.).

(*) Consultar em previdência.

4 — “O ilegal pode ser feito já. O inconstitucional toma mais tempo”, eis o pensamento de *Henry Kissinger* altamente explicativos de golpes sangrentos (como no Chile de Pinochet), democracias de fachada que negam o social (o Chile atual é o exemplo). O referido pensador tem *les mains sallées*, na prática diplomática imperialista e dela é elemento típico; no Brasil, noutra época, dita “autoritária”, um coronel *doublé* de previdenciário de ocasião, forçou o velho *Costa e Silva*, como *Hitler* já o fizera com *Hidemburg*: “ao diabo com os escrúpulos de consciência; assine logo o AI-5...”

5 — A análise do tema deve ser medularmente totalizante — o que vai pelo mundo e para onde ele vai.... — é por isso, histórico. Não há reformas insípidas, inodoras e sobretudo, incolores.

6 — Desse modo, pretende-se nesta incursão pela problemática da tal “Reforma da Previdência” apenas e tão-somente, chamar à reflexão alguns aspectos dos direitos sociais em xeque. Esses direitos sofrem, neste final de século, agressões e tão graves atentados, para os quais só não estão atentos aqueles, a quem *Dante*, proclamou destinatários dos piores locais do inferno. São os mornos, os indiferentes, os que trazem na face sorridente a marca da covardia e da traição. (No mundo jurídico eles são, infelizmente, muitos).

7 — Calha à fiveleta, na aventura da destruição dos direitos sociais — assim da previdência e do Direito do Trabalho — lembrar os versos de *Drummond*:

“Que século!/ proclamavam os ratos, /começando a roer o edifício...”

III — Quadro mundial

8 — É imprescindível observar o Quadro Mundial. Assim, com a palavra o jornalista *Carlos Chagas*; insuspeito ex-porta-voz do governo *Costa e Silva*, agora presente nas páginas da *Tribuna da Imprensa* (edição de 22/10/96, p. 6) : “A explosão da miséria vai engolir as elites”.

9 — *Chagas* traz à colação o *New York Times* que publicou números a respeito do crescimento da miséria no planeta. A cada mês, 25 milhões de indivíduos ingressam no clube do horror, daqueles que não têm *absolutamente nada*, nem casa nem comida. A Terra conta com 5,7 bilhões de habitantes, dos quais 1 bilhão não dispõe de renda de espécie alguma. Outro bilhão consegue no máximo US\$ 1,00 por dia, isto é, US\$ 30,00 por mês, quem sabe US\$ 365,00 por ano.

10 — O grave da história é que, apesar do aumento vertiginoso do número de habitantes, o mundo apresentava proporcionalmente menos pobres e miseráveis há 10 anos. E mesmo ainda, no dobro desse tempo. A continuarem as coisas como vão, mostram as estatísticas, em menos de 50 anos metade do gênero humano estará na indigência. Depois nem se fala. É claro que para isso acontecer necessita-se olhar para o reverso da medalha: a riqueza está cada vez *mais concentrada*, em se tratando de pessoas e nações.

11 — “Em outras palavras, os ricos estão ficando cada vez mais ricos, e os pobres mais pobres”, declara o jornal americano, citado por *Chagas*: E mais: “A causa? Podem alinhar quantos argumentos quiserem, assim como sustentar quanta literatura puderem, a respeito do fim da história e da prevalência indefinida do modelo econômico globalizante. Mas a verdade continuará uma só: a causa é o modelo”. É a cruel livre competição entre quantidades desiguais levada às últimas consequências. Se quiserem, o *neoliberalismo*, ou que outro rótulo se dê à iniquidade de concluir que o mercado deve suplantiar o poder público. Que o coletivo precisa ceder todos os espaços para o individual.

12 — No mais, reclama o jornalista, tanto faz se a responsabilidade repousa na ação de mais governos ou de administrações corruptas e incompetentes. O fato maior está em que a miséria cresce em progressão geométrica, aumentando o fosso entre as elites privilegiadas e as massas abandonadas.

13 — A continuar o processo como vai, logo prevalecerá a natureza das coisas: a maioria engolirá a minoria, por mais que esta resista e tente aplicar suas execráveis fórmulas de discriminação. Chegamos à miséria absoluta, ao caos e à pré-história outra vez”.

14 — Conforme *Chagas*: “Pimpolhos bem nascidos e já até crescidos poderão continuar sustentando que o problema dos pobres é dos pobres, não deles, assim como a situação dos sem-terra não lhes diz respeito. ‘Cada um que compre a preço de mercado o seu pedaço de chão, ou evite a pobreza investindo nas Bolsas de Valores ou negociando com jóias’. Não aceitam a entrega de terras a quem delas necessita, por parte de quem nelas não produz. Como se imaginam superiores, por conta do patrimônio dos pais. Estamos mergulhados nessa concepção absurda do ‘cada um por si e Deus por todos’. Estamos? Melhor corrigir: estão as elites e parece estar o governo, para quem a justiça social e a superação da pobreza parecem mero detalhe, simples consequência do sucesso das elites. Migalhas caídas da mesa do banquete dos privilegiados. Positivamente, não vai dar certo.”

IV — Outros autores

15 — Dirão mornos & indiferentes & cínicos & realistas: a opinião acima é um pouco tendenciosa. Então vejamos o que diz *Robert Kuttner* (“Apenas migalhas no dia do trabalho”, *Gazeta Mercantil*, 10/9/96, p. A-2), sobre a economia dos Estados Unidos.

16 — “Os já diminutos ganhos de produtividade favorecem os 20% mais ricos ...” e, adiante, “apesar da recuperação, o problema da estagnação salarial persiste”. *Kuttner* teve o artigo publicado originalmente pelo *Business Week*, quer dizer, passou pelas águas lustrais dos donos da vida.

17 — Na mesma página da *Gazeta* o contador *Salésio Dagostin* (made FGV/RJ) alertava: “Não se pode deixar que os empresários apenas pensem no lucro”. (Não sei por que recordei a expressão “de bem intencionados está forrado o chão do inferno!”).

V — Efeitos

18 — Catastrofismo? Desgraçadamente não. Este é o quadro da fome, da doença resultantes de crescente expoliação dos povos por alguns milhares, senão apenas centenas, de piratas, *doublê* de picaretas. *Fidel Castro*, que é o mais *consequente* líder americano deste século, na conferência de Cúpula (Santiago, novembro de 1996), deixou claro que, *mientras* (enquanto) existirem a fome, a miséria, a usura da suposta dívida externa, a expoliação do trabalho, em particular das mulheres e crianças, não há futuro nem sentido para a democracia no Continente. E muito menos para direitos sociais.

19 — Seguimos sendo, como nos versos lapidares de *Ferreira Gullar*, “América Latina, América Latrina”. Resta-nos a utopia — a proposta, o manifesto, o ideal — de *Simon Bolívar*, que, segundo *Neruda*, ressurgue a cada cem anos, quando o povo acorda.... Mornos, cínicos hipócritas sorridentes não perdem por esperar: eles ou seus herdeiros e sucessores, como modernos Midas, terão muito ouro; a questão é comê-lo e bebê-lo.

VI — Aventura Mexicana

20 — Um convite da Associação dos Advogados Trabalhistas de São Paulo, me conduziu, recém-operado, à sede da entidade, presidida então pelo advogado Ricardo Trigueiros. Lá chegando, *tropiquei* com uma segunda personagem, que não constava no programa, o Sr. *W. Novais Martinez*. O salão estava cheio, nele se destacava, entre outros, essa força da natureza que é o companheiro Enio Sandoval Peixoto. Tema: Reforma da Previdência Social. Na abertura, destaquei aspectos sociais, tal qual nesta fala. A surpresa veio então. *W. Novais*, técnico de reputação, pretendeu responder-me com a seguinte informação: havia *W. N. M.* em companhia de um diretor da Associação Nacional de Servidores do Estado em Cidade de México, em seminário patrocinado pelo INSS daquele país. Aliás, na época, metidos o México e o Instituto em grave crise financeira...

21 — *Wladimir* relatou, sem pressões — sem que se lhe apresentassem os instrumentos da Santíssima Inquisição, nem os artefatos do DOI-CODI — que técnicos do FMI e BM tinham a seguinte visão para nossa “América Latina — América Latrina”, declinada no tal seminário. A grande massa seria subsidiada (renda mínima, direito dos pobres etc.), e os segmentos de elite iriam contribuir para os Fundos de Pensão. Eis o futuro visto da ponte.

22 — Como *W. N. M.* nada escreveu a respeito — e olha que o homem produz copiosamente — em julho último, no Congresso de Previdência patrocinado pela LTR, na Comissão de Constituição, não tive dúvidas em relatar o assunto, diante do próprio professor *Wladimir*, em mesa presidida pelo insigne W. Balera, composta por mim, pelo professor Ernesto Reis, pela Procuradora Maria Inês Monteiro Cesar, e no auditório lotado, presentes a Dra. Mirna Cavalcanti do IAB e Celso Barroso Leite.

23 — Quem cala consente e o relato acima não recebeu reparo algum do ilustre W. N. M. Quanto à Associação Nacional, por incrível coincidência, deixou na ocasião da viagem em tela, de ser o pólo ativo de oposição a reformas orquestradas pelo IPEA, MPS e até pelo Ministro....

24 — Como dizia o saudoso *Aliomar Baleeiro*: povo brasileiro, grande povo, grande coração, caráter péssimo. Só errou na generalização porque as tais elites, as elites que tais é que são a nossa grande praga.... E o exemplo é o acima relatado, reflete bem esse comportamento.

25 — Onde se conclui que o problema — *venia maxima concessa* — é mais sério do que a perfumaria de reformistas, de mesuras de sociais-democratas de opcreta e de certos e alguns falsos partidários do Cristo, que de encíclica em punho, ficam coonestando o que Jesus sempre condenou e lhe custou a vida (pelo menos a terrena). Ajustes, reformas e quejandos não elidem, antes confirmam a estrutura internacional da exploração, e um sistema jurídico destinado a penalizar os oprimidos.

VII — Donos da vida

26 — Grandes banqueiros beneficiados pelo *Proer*, poderosos industriais produzidos por incentivos fiscais, latifundiários improdutivos e predatórios etc. somente se mantêm numa podre estrutura viciada pela chamada solução de continuidade.... Certa vez abri uma edição do meu querido “Guia dos Aflitos da Previdência”, editado pela Oboré com as palavras de *Brecht*:

“Se tem algo podre e na / parede umidade / então é preciso entrar em ação/ a podridão cresce, que monstruosidade/ Se alguém vê isso não é nada bom./ Cal, é de cal fresca, que nós/ precisamos!/ Se o chiqueiro cair, então já/ não dá!”

(“Os cabeças redondas e os cabeças pontudas”, *Brecht, Teatro Completo*, Rio, Paz e Terra, vol. 14, p. 41, 1991.)

27 — Nesse quadro de desnível crescente — que desavisadas ou mal-intencionadas lideranças chamam de *defasagem* —, nessa estrutura mundial de divisão aprofundada, alterar os sistemas de seguridade tem fácil explicação, com a tal “reforma”: *utilizar a poupança popular forçada para encher as burras do capital*.

28 — O sistema capitalista, cada dia que passa é mais parecido com um capitalismo de cassino (*Hipferding, Lenin* etc.), gerador de seguidas *quebras*. Sobrevive aumentando a taxa de exploração enquanto faz crescer o capital orgânico, o poder das transacionais e enriquecer algumas centenas de potentados. A expressão “capitalismo de cassino”, indicadora do caráter cada vez maior de jogo de azar da economia mundial, e de falta de lastro na papelada das *bolsas et caterva* — em suma especulação — é de *Joaquim Estefania* (*El Pais*, Madrid, edição de 15/05/95, p. 21).

29 — Nesta quadra, para abocanhar a mais-valia, e para realizar essa exploração enganando e reduzindo traumas, a fórmula mágica tem nomes adocicados como renda mínima, subsídio ao carente, direito dos pobres supostamente *versus* dos ricos e mais extensa fraseologia hipócrita. É a *pelega* (manta entre cavalo e montador) do fim do século, *made FMI* etc.

VIII — *Resumo*

30 — A crise global do capitalismo leva a reiteradas pressões exploradoras sobre os povos, já numa fase do capital, dita financeira, em que bancos, seguradoras, fundos de pensão e que tais servem para drenar, na direção da especulação, o dinheiro do povo. É uma nova forma de mais-valia. Atenção para os fundos de pensão, no Brasil, ainda com raízes sociais; no Exterior como especulação fria e cínica.

31 — A tal revolução tecnológica, tributária desse capitalismo de cassino, eleva a taxas surpreendentes o desemprego. Com isso, a seguridade recebe menos e obviamente, gasta mais. Com a desordem social, cresce a criminalidade, privilegiam-se os desvios sexuais (homossexualismo e formas outras), dá-se *status* ao narcotráfico. Em compensação, com hipocrisia inacreditável persegue-se o fumo e o tal assédio sexual. Na dança, a seguridade é abalada pela anormalidade sexual e as drogas (*AIDS*), em custos; e a sociedade roda cada dia para os níveis de sarjeta digno do Império Romano e seu atual sucessor — USA.

32 — No Brasil, nove famílias controlam os meios de comunicações e sustentam estas modernas Sodoma e Gomorra. De quando em vez, programas “populares” sugerem o linchamento de criminosos podres.

33 — Santiago Dantas foi *impreciso* ao dizer que, no Brasil, as elites enquanto elites eram piores que a massa enquanto massa. Seria *preciso* se dissesse que no Brasil e no mundo, a classe dominante enquanto tal excede qualquer prática criminosa das classes dominadas. Para ficar num exemplo simples, devedor e sonegador não é o povo. E a teoria do tributo elevado só merece uma resposta gozadora: de substituí-lo pela exação voluntária. Diriam nossos avós: “é de cabo de esquadra”, mas quero ressaltar a dignidade do cidadão fardado e explorado, cabo de esquadra ou não.

34 — Reduzidas as mudanças na seguridade em levar dinheiro a grupos privados, para simples especulação, resta dizer, com todas as letras, que estamos diante de *picaretagem*, aliás, perigosa. Na prática, consagra-se a cada dia a quebra da igualdade, o aprofundamento do fosso na sociedade. Não é mister entrar no campo escorregadio da *isonomia* pontificada por certos juristas, mas na noção simples, clara, sábia de *igualdade social*.

35 — Portanto, por óbvias razões, com o mínimo de seriedade e enfrentando a questão tal qual ela é: Quer dizer, *global* (K. Marx) não há reforma a discutir. Há

reforma a rejeitar. E certamente revolução social a fazer, a fazê-la enquanto é tempo; enquanto o conflito não se transmuta na guerra e na barbárie.

36 — Talvez, na contagem regressiva das décadas — a História assim se conta — ainda se possam quebrar essas estruturas sociais, viciados, inúteis, deletérias e trocá-las pela via revolucionária e renovadora. Lembrando o Andrada de 1930, façam-na as classes e categorias comprometidas com o social e o nacional, antes que o povo diretamente a faça. Ou seja, que se chegue ao ponto, em que o povo toma diretamente a História em suas mãos. Não é por acaso, que o Hino imortal da Revolução Francesa proclama: “Que o sangue impuro lave nossas desgraças” (ou algo assim).

37 — *Nota bene*: o autor oferece essa saída *light* em homenagem, digamos, às festas natalinas que se avizinham. *In cuore*, o autor acredita mais, cada dia que passa, na verdade *hegeliana*: as armas da crítica já estão superadas pela futura crítica das armas, a médio prazo (senão a curto ...).

38 — Dizia *Gramsci*, algures, que a crise é expressão do momento que o velho teima em permanecer, enquanto o novo ainda não consegue irromper. Nessa situação está o mundo. Tudo mostra que o real problema existe por detrás da questão previdenciária. E o bloqueio continuado por poucos e poderosos interesses privilegiados, acabará por confirmar uma famosa proclamação: “A liberdade só se constrói pela violência”. Lembrem-se de *Marat*...